Limite. ISSN: 1888-4067 nº 12.2, 2018, pp. 9-17

Naufrágio e Literatura

José Cândido de Oliveira Martins Universidade Católica Portuguesa cmartins@braga.ucp.pt

> Maria Luísa Leal Universidad de Extremadura Ileal@unex.es

"Portugal é um navio naufragado cuja tripulação espera há séculos." (António Patrício, *Fim*)

O reconhecimento da importância, na segunda metade do século XX, da *História Trágico-Marítima* (colectânea de relatos de naufrágio publicada no séc. XVIII por Bernardo Gomes de Brito), deu azo a estudos de índole histórica, cultural e literária, que não só aprofundaram o conhecimento desta obra, como ampliaram o interesse por relatos de naufrágio não compreendidos na referida coletânea.

Em finais do século XX, surgiram vários romances contendo relatos de naufrágio. Também na poesia portuguesa contemporânea é fácil rastrear reflexos intertextuais da literatura de naufrágios. Como alguns estudiosos têm sublinhado, o naufrágio está presente na Literatura Portuguesa de todas as épocas; e perspetivá-la em articulação com este tema conduziu a diversas e inovadoras leituras.¹

¹ Entre os estudiosos da literatura trágico-marítima contam-se, entre outros, os seguintes autores, consagrando alguns deles vários estudos a este domínio temático, bastando-nos aqui uma sucinta exemplificação cronológica: James Duffy, *Shipwreck and Empire* –

Portuguese maritime disasters in a century of decline, Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1955; Charles Boxer, "An introduction to the *História Trágico-Marítima*", Revista da Faculdade de Letras [Lisboa], Ill série, nº 1 (1957), pp. 48-99; idem, (edition and translation), Tragic History of the Sea, Cambridge, Cambridge

Este prolongado filão temático da literatura trágico-marítima deve ser enquadrado no contexto mais amplo da literatura de viagens, concedendo enorme centralidade ao mar, enquanto cenário, tema e elemento de múltiplas leituras simbólicas e estéticas, desde a mais remota Antiguidade.² Em *Poéticas da Viagem na Literatura*, Maria Alzira Seixo afirma categoricamente a presença matricial do mar na cultura e literatura portuguesas, sobretudo a partir de Quinhentos:

O mar é um dos referentes fundamentais da cultura portuguesa da época clássica, e não é de estranhar que o seu aproveitamento literário se estenda por temas, motivos, organizações isotópicas, campos semânticos de significação diversíssima, susceptíveis de interpretações que enriquecem o património das nossas letras. Nomeadamente, o mar como extensão imensa de uma possibilidade diferenciada de percursos, sujeitos à acção

University Press, 1968; António Sérgio, "Em torno da História Trágico-Marítima", in Ensaios VIII, Lisboa, Sá da Costa, 1974, pp. 75-174; José Ares Montes, "Francisco de Contreras y el naufragio de Sepulveda", Revista de Filologia Española, 59, Madrid, Sucesores de Rivadeneyra, 1979, pp. 257-277; Antonio Tabucchi, "Interpretazione della Historia Trágico-Marítima nella licenze per il suo imprimatur", Quaderni Portoghesi, 5 (1979), Pisa, pp. 19-43; Maria Alzira Seixo & Alberto de Carvalho (org.), A História Trágico-Marítima: Análises e Perspectivas, Lisboa, Cosmos, 1996; Giulia Lanciani, Sucessos e Naufrágios das Naus Portuguesas, Lisboa, Caminho, 1997; Fábio Pestana Ramos, Naufrágios e obstáculos enfrentados pelas armadas da Índia portuguesa: 1497-1653, São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 2000; António Moniz, A História Trágico-Marítima: Identidade e Condição Humana, Lisboa, Colibri, 2001; Fernando Cristóvão (coord.), Condicionantes Culturais da Literatura de Viagens. Estudos e Bibliografias, Coimbra, Almedina, 2002; Paulo Motta Oliveira, "De navegações e naufrágios: imagens de Portugal de Garrett a Pessoa", in Paulo Motta Oliveira et alii (org.). Intersecções: ensaios de literatura português, Campinas, Komedi, 2002, vol. 1, pp. 69-162; Isabel Soler, Los Mares Náufragos, Barcelona, Ed. Alcantilado, 2004; Angélica Madeira, Livro dos Naufrágios: ensaio sobre a História Trágico-Marítima, Brasília, UNB, 2005; Josiah Blackmore, Manifest perdition: shipwreck narrative and the disruption of empire, Minneapolis, Univ. of Minnesota Press, 2002; Kioko Koiso, Mar, Medo e Morte: aspectos psicológicos dos náufragos na História Trágico-Marítima, na documentação inédita e noutras fontes, 2 vols., Cascais, Patrimonia, 2004; Dulce de Sousa Gonçalves, Diálogo com a africanidade na história trágico-marítima, Lisboa, Edições Culturais da Marinha, 2004; Maria da Glória Santana, O Naufrágio da Nau Santo Alberto. Discurso de um manuscrito anónimo, Casal de Cambra, Caleidoscópio, 2007; João Carlos Carvalho (coord.), A Peregrinação de Fernão Mendes Pinto e a Perenidade da Literatura de Viagens, Lisboa, CLEPUL, 2015; António Manuel de Andrade Moniz (coord.), Primeiras narrativas de naufrágios, Col. Obras Pioneiras da Cultura Portuguesa (vol. 26), dir. de José Eduardo Franco e Carlos Fiolhais, Lisboa, Círculo de Leitores, 2018, pp. 9-23 e 38-60: entre tantos outros estudos.

² Cf. Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa, Matheus Trevizam & Júlia Batista Castilho de Avellar (org.), *Tempestades clássicas: dos Antigos à Era dos Descobrimentos,* Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018.

imprevisível da contingência, tanto como às consequências previsíveis, mas nem sempre evitadas, da desmedida originada por sentimentos contraditórios onde o bem e o mal, a virtude e o erro, muitas vezes se conjugam deforma indestrinçável, o mar das descobertas e da exploração das terras abordadas, o mar aberto ao conhecimento do homem mas ainda tão fechado no desvendamento dos seus perigos e na sua simbologia de caminho desvendado pelo eufórico esforço renascentista, de via de transviados passos e ínvios desígnios, este mar é uma espécie de órgão semântico vital do texto literário português de Quinhentos e Seiscentos.³

No caso particular da literatura trágico-marítima, assume particular realce a popular antologia de relatos de naufrágios, organizada pelo erudito setecentista Bernardo Gomes de Brito, *História Trágico-Marítima* (Lisboa, 2 vols., 1735-36), coligindo doze narrativas. Este género singular de literatura, e em particular o mais editado relato de naufrágios, o "Naufrágio de Sepúlveda", conheceu uma assinalável fortuna intertextual na Literatura Portuguesa, desde o séc. XVI até à actualidade.⁴

Com efeito, são muitos os autores portugueses contemporâneos contagiados pelo imaginário marítimo ou trágico-marítimo: Maria Ondina Braga, Miguel Torga, Ruben A., Tomás de Figueiredo, Manuel Alegre, Almeida Faria, Mário Cláudio, Agustina Bessa-Luís, Vasco

⁴ Entre os críticos que dedicaram atenção a essa recepção intertextual da literatura trágico-marítima e do "Naufrágio de Sepúlveda" na Literatura Portuguesa, enumerem-se

³ Lisboa, Edições Cosmos, 1998, p.70.

apenas alguns estudos: Edwin J. Webber, "The shipwreck of don Manuel de Sousa in the spanish Theater", *PMLA (Journal of Modern Language Association)*, vol. 66, nº 6 (1951), pp. 1114-1122; Roberto Barchiesi, "Os Sucessos de Sepúlveda. Tragedia portoghese del XVIII secolo", *Annali dell'Instituto Universitario Orientale di Napoli*, Sezione Romanza, XVII, 2, 1975, pp. 229-239; Lobato Barcelos, "Un tema portoghese: Il Naufragio di Sepulveda e la sua diffusione", *ibidem*; Ares Montes, "I resti de um naufrágio", *Quaderni Portoghesi*, 5 (1979), Pisa; Dália Dias, "Sepúlveda, Deriva de Leitura e Outros Naufrágios". Campinas. *Estudos Portugueses e Africanos*, nº 25/26, pp. 5-19: Aníbal

Sepulveda e la sua diffusione", *ibidem*; Ares Montes, "I resti de um naufrágio", *Quaderni Portoghesi*, 5 (1979), Pisa; Dália Dias, "Sepúlveda, Deriva de Leitura e Outros Naufrágios", Campinas, *Estudos Portugueses e Africanos*, nº 25/26, pp. 5-19; Aníbal Pinto de Castro, "O relato do naufrágio do galeão grande S. João e o texto d' *Os Lusíadas"*, *Santa Barbara Portuguese Studies* [Univ. of California, Santa Barbara], vol. VII (2003), pp. 17-28; Maria Luísa Leal, "O naufrágio de Sepúlveda: variantes e invariantes de uma matéria narrativa", in Ana Margarida Falcão, Maria Teresa Nascimento, Maria Luísa Leal (Orgs.), *Literatura de Viagens: Narrativa-História-Mito*, Lisboa, Cosmos, 1997, pp. 629-639; J. Cândido Martins, *Naufrágio de Sepúlveda: texto e intertexto*, Lisboa, Replicação, 1997; Josiah Blackmore, "La tragédie maritime *Os Sucessos de Sepulveda* (1794) de Nicolau Luís", *Arquivos do Centro Cultural Calouste Gulbenkian*, vol. XLVI, Lisboa-Paris, Fund. Calouste Gulbenkian, 2003, pp. 165-223.

Graça Moura, Fernando Dacosta, João Medina, Mário de Carvalho, Orlando Neves, Miguel Real, Ana Margaria de Carvalho, entre muitos outros. Por vezes, essa presença ocorre em inesperadas, mas não menos expressivas referências, como no *Dicionário Imperfeito*, de Agustina Bessa-Luís, falando dos tristes e apressados turistas de Verão, através desta imprevista analogia: "Em suma, são infelizes, como eu sou, nessas praias forradas de desconhecidos, seminus, caídos na areia em posturas aterradoras, como os náufragos de Sepúlveda".⁵

No dossiê temático que se segue, como analisado por Angélica Madeira, em "Shipwreck narratives: between History and Literature. Reflections on *História Trágico-Marítima* (*Tragic-maritime History*)", as populares narrativas contidas na antológica *História Trágico-Marítima* de Bernardo Gomes de Brito, de autores identificados ou anónimos, apresentam desde logo uma considerável diversidade de dados histórico-sociológicos, configuradores de uma determinada sociedade portuguesa, de horizonte marcadamente marítimo e imperial, ancorando-as num determinado contexto de referências.

Norteadas por objectivos bem pragmáticos, nomeadamente na *Carreira da Índia*, as próprias embarcações ostentavam uma determinada organização e estrutura social (tripulação e passageiros), com base nas concepções hierárquicas do tempo, espelhando determinadas atitudes e emoções, típicas de uma cultura pós-Renascença. E a mundividência da época manifesta-se no perfil dos protagonistas, bem como nas várias etapas tipificadas dos relatos de naufrágio, enquanto ricos documentos históricos, mas também expressivos testemunhos humanos.

Isto também significa – segundo a mesma investigadora, ilustrando a sua visão com alguns dos mais conhecidos relatos – que, apesar das significativas e variadas ressonâncias intertextuais, estas narrativas superem algumas antigas convenções literárias em torno dos motivos da tempestade e do naufrágio. Ao mesmo tempo, consequentemente, através de um conjunto recorrente de imagens e de opções retórico-compositivas específicas, estes relatos constroem uma intensa e simbólica alegoria de mundividência eminentemente barroca. Assim se dava origem a um género literário dotado de especificidades próprias, dotado genericamente de um registo que entrava em dissonância com a retórica do discurso oficial do império português, já com reconhecíveis sintomas de decadência.

_

⁵ Lisboa, Guimarães Editores, 2008, p. 292.

Em face do afirmado, não surpreende que a temática do naufrágio conheça uma presença significativa em vários autores, como analisado por António Manuel de Andrade Moniz, em "Ecos do Tema do Naufrágio na Literatura Portuguesa". Este rico e multissecular filão temático manifesta-se desde a literatura oral e tradicional, com o popular romance Nau Catrineta, "síntese de toda a nossa historia trágico-marítima", nas palavras de Teófilo Braga, por um lado; e, por outro, também em vários textos de autores portugueses tão diversos como Camões, Luís Pereira Brandão, Jerónimo Corte-Real, Fernando Pessoa, Afonso Lopes Vieira e Miguel Torga.

De facto, desde os finais de Quinhentos à actualidade, os vários relatos de naufrágios – sobretudo a narrativa inaugural do vol. I da colectânea de *História Trágico-Marítima* – conheceram uma visível influência na Literatura Portuguesa, num continuado e expressivo processo de recepção. Neste âmbito, destaca-se a conhecida síntese dramática do naufrágio de Sepúlveda nas profecias negras do camoniano Adamastor (*Os Lusíadas*, V, 46-48).

Como salienta o ensaísta, meia dúzia de anos depois da epopeia camoniana, também no Canto VI da *Elegíada* de Luís Pereira Brandão deparamos com a emotiva evocação do mesmo caso trágico de Sepúlveda. Por sua vez, em longo poema heróico, Jerónimo Corte-Real detém-se no mesmo relato inaugural da *História Trágico-Marítima*, salientando a temática do "amor e as suas redes", até à morte derradeira dos amantes.

Contemporaneamente, Fernando Pessoa também não ignorou este filão trágico-marítimo em "Mar Português" da Mensagem, nomeadamente em poemas como "Mostrengo", "Padrão", "Epitáfio de Bartolomeu Dias", "O Infante", etc. E o filão temático continua em "Saudades Trágico-Marítimas" (Ilhas de Bruma, 1918), de Afonso Lopes Vieira, em ressonâncias nacionalistas e neorromânticas, onde ecoa o refrão "em diferido da gesta heroica dos náufragos: 'Chora no ritmo do meu sangue o Mar' ". Essa reescrita não esquece o drama particular de D. Leonor de Sá em solo africano, projectando-o numa "identidade colectiva", envolta num "pranto português". E ainda, como ilustrado por António Moniz, em Poemas Ibéricos (1965), Miguel Torga também recria, a seu modo, a História Trágico-Marítima, numa sequência de poemas dentro desta temática, num cenário marítimo onde não falta um "naufrágio que se alarga ao mar inteiro".

Já em "Um Mito do Tráfico Marítimo e das Desventuras da Ambição: O Navio Fantasma, ou o Holandês Voador", Carlos Jorge Figueiredo Jorge debruça-se sobre a configuração mítico-lendária do romance do Capitão Frederick Marryat, Phantom Ship: gothic novel (1839), um universo com afinidades com a História Trágico-Marítima de Bernardo Gomes de Brito e a Peregrinação de Fernão Mendes Pinto, exploradas pelo autor do estudo. Entre outras semelhanças, sobressai a ocasional similitude de alguns itinerários do incansável protagonista de Phantom Ship com o de Sepúlveda, para além da presença de um exotismo singular. À luz de um imaginário gótico, as prolongadas lendas marítimas em torno de um aventureiro marinheiro inglês inspiraram múltiplas criações, com destaque para a ópera de Wagner ou o poema de Samuel Taylor Coleridge.

Como já antes sugerido, não é possível ler a literatura trágicomarítima fora de uma mundividência e estética barrocas, emergindo assim um género literário singular. Isso mesmo é objecto de reflexão por parte de Isabel Soler, em "Un miserere para la soledad del náufrago". Com efeito, as tragédias ocorridas nas viagens da carreira da Índia deram origem a narrativas de naufrágios, imortalizando assim um infindável cortejo de mortes num "mar barroco". Com isso, esta literatura proporciona um conjunto de relatos que configuram "uno de los corpus documentales más fascinantes de toda la literatura de viajes occidental", em discursos verbais marcados pelo excesso das paixões de alma dos atormentados náufragos.

Com efeito, nas suas inúmeras provações, pormenorizadamente descritas, os relatos de naufrágios erguem-se como advertência múltipla aos navegantes e aos leitores. Ao mesmo tempo que denunciam frontalmente um vasto conjunto de erros cometidos nessas viagens (da incompetência e da ignorância à soberba e cobiça, entre tantos outros), os relatos de naufrágios constituem emocionados memoriais das incalculáveis perdas, quer de vidas humanas, quer de riquíssimos bens.

Como se se tratasse de uma "voz colectiva e anónima", para a referida ensaísta, ao reconstruirem a cenografia das tragédias marítimas, as narrativas de naufrágio cumprem também uma importante função moral e catártica, sob a forma de terapia física e psicológica, um mundo povoado de destruição e de sofrimento patético, por um lado, mas, por outro, um mundo também saturado de religião e do clamor das mais diversas orações, ofícios litúrgicos e

outras expressões de devoção (misereres, litanias, confissões, etc.). Tudo se desenrola à sombra da funda melancolia e do desengano barrocos, mas sobretudo do desespero e do medo, da culpa e da correspondente consciência do pecado, sendo o naufrágio concebido como castigo, sob a forma de actuante justiça divina, em tonalidade de "tenebrismo caravaggesco". Enfim, a morte está omnipresente nas embarcações da carreira das Índias, com tudo o que essa consciência implica.

O motivo da navegação marítima mostra-se tão antigo quanto a literatura, nomeadamente para a construção do relatório heróico, motivo potenciado pelas novidades oriundas do descobrimento dos oceanos na Idade Moderna. É justamente neste domínio que se situa o estudo de José Manuel Herrero Massari, "Mares simbólicos, mares trágicos, mares épicos y mares lamentosos: de Gilgamesh a Mendes Pinto", procurando ilustrar a influência desse novo cenário na construção de um novo tipo de herói, num processo histórico que vai desde o épico *Poema de Gilgamesh* até ao singular relato de viagens e de aventuras do autor português, na sua *Peregrinação*.

De facto, como refere este investigador, desde tempos imemoriais que o mar aparece destacadamente em mitos da criação e de narrativas fundacionais na Antiguidade, ao mesmo tempo que ocupa um lugar de destaque em viagens marítimas, com os motivos temáticos da tempestade e perigo de naufrágio. Nestas e em outras situações, enquanto cenário e argumento, o mar converte-se em espaço privilegiado de proezas e de aventuras, mas também de perigos e de morte.

Como sugerido, ao longo dos séculos desenvolve-se este inesgotável motivo temático: o antigo *Poema de Gilgamesh* confere ao mar um lugar destacado, como cenário privilegiado para grandes façanhas. O mesmo aproveitamento da viagem marítima acontece em alguns relatos bíblicos; a tragédia esquiliana de *Os Persas*; com as narrativas épicas da *Odisseia* e da *Eneida*; em algumas narrativas bizantinas ou no registo paródico de *Uma História Verdadeira*, de Luciano; nas aventuras medievais de Tristão e do Amadis; também nas novelas de cavalaria, com destaque para o protagonismo de Don Quijote, em pleno séc. XVI.

Por seu lado, numa geografia mais real e uma natureza física do mar, a *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto corporiza "todas las potencialidades de significación del motivo" do mar, na sua

capacidade de descrever cenários, propor situações diversas e desenhar novos heróis, com perfil anti-heróico. Em interpretações já clássicas, viu-se na *Peregrinação* o contraponto paródico e mesmo anti-épico, face à celebração dos descobrimentos e da correspondente ideologia de cruzada, mundividência que anima *Os Lusíadas* de Luís de Camões. O mar aventureiro de Mendes Pinto, com suas inúmeras narrativas de viagens e de naufrágios, "trabalhos e perigos", distingue-se do mar da epopeia de Camões. Uma coisa é certa: "En todas estas tradiciones el mar aparece tras el velo de su interpretación simbólica o de su elaboración poética." Mais importante, o mar imaginário tradicional ganha inesperados cambiantes e dramatismos no mar realista de Camões e, sobretudo, de Mendes Pinto.

Em "Naufrágio de Sepúlveda: uma sequência da transformação da história no decurso das edições", Kioko Koiso opta por se centrar no relato paradigmático do "Naufrágio do galeão grande *São João*", que abre a justamente célebre *História Trágico-Marítima*, de 1735, narrando uma tragédia marítima ocorrida em 1552. Existindo um manuscrito anónimo deste texto (mau grado surgir o nome de Álvaro Fernandes nos catálogos de algumas bibliotecas), a autora desenvolve um estudo comparativo das sete versões publicadas deste naufrágio, visando ilustrar o modo como o relato foi sendo modificado nas suas sucessivas edições. Consabidamente, o popular "Naufrágio de Sepúlveda" integra a antologia de Bernardo Gomes de Brito em lugar de destaque, sendo uma narrativa exemplar dos populares relatos que eram vendidos e lidos a partir da segunda metade de Quinhentos, sob a forma de "literatura de cordel".

Norteada pelo objetivo mencionado, a investigadora salienta que a dramática cena da morte de D. Leonor, enterrando-se numa cova escavada na praia, depois de espoliada das suas roupas e usando o cabelo solto para cobrir o corpo, constitui uma alteração (no acto de cavar uma cova na areia) acrescentada na *editio princeps*, mas ausente do manuscrito. Para Kioko Koiso, estaremos perante a "hipótese de o editor da 1.ª edição ter efectuado as intervenções para dramatizar a história". Convém relembrar, como faz a autora, que medeiam 180 anos entre a redacção do manuscrito e a publicação do primeiro tomo da *História Trágico-Marítima*, existindo de permeio várias edições.

Dentro desta metodologia e na sequência de aprofundados trabalhos antes publicados, a investigadora vai fazendo a ilustração de diversas alterações entre o manuscrito anónimo da Biblioteca da Ajuda

e as várias edições do mesmo relato de naufrágio. Para isso, elenca o conjunto das "edições retrospectivas" (cinco edições e uma contrafacção), já que esta narrativa foi mais editada do que qualquer outra; e compara o manuscrito com as várias edições. Nesse ilustrado cotejo, em sucessivos e elucidativos exemplos de incontáveis alterações (acréscimos, substituições, supressões de variável dimensão), na ordem das centenas – apresentadas cronologicamente neste estudo, de acordo com a sequência de episódios do relato –, a investigadora sustenta que "No tocante às possíveis intervenções procedidas pelo editor da 1.ª edição, nota-se a sua destreza", quase sempre com o objetivo de dramatizar a história, mas salvaguardando a verosimilhança.

O dossiê temático integra ainda um apreviável conjunto de Testemunhos de três relevantes escritores portugueses actuais – Ana Margarida de Carvalho, Fernando Dacosta e Miguel Real. Nos textos redigidos sobre o tema, estes autores expressam, de forma muito singular e impressiva, o lugar e o signifiado da literatura de naufrágios na literatura e cultura portuguesas, tal é o seu profundo grau de inscrição no imaginário luso.

Em suma, face ao estudado no dossiê temático que se segue, "Naufrágio e Literatura", deparamo-nos com estudos bastante variados, focando diversas dimensões desta intemporal relação da Literatura com o Mar, ao longo dos séculos e em diversas tradições literárias, dentro e fora da Literatura Portuguesa. Com estes apreciáveis trabalhos, aprofundam-se reflexões nesta área temática, dando assim contributos significativos que representam avanços científicos especializados.